

TUDO É MEU

Bonnie Shepherd

Faltando apenas duas semanas para o Natal, o último lugar onde eu desejava estar era no hospital recuperando-me de uma cirurgia. Aquele seria o primeiro Natal de nossa família em Minnesota, e eu queria que fosse memorável, mas não dessa maneira...

Durante semanas, não fiz caso da dor do lado esquerdo, mas ela piorou. Fui consultar um médico.

– Cálculos biliares – ele disse, examinando o raio-X. – Em número suficiente para fazer um colar. Você precisa ser operada imediatamente.

Apesar de meus protestos de que aquela era a pior época para ser hospitalizada, a dor lancinante do lado convenceu-me a concordar com a cirurgia. Meu marido, Buster, garantiu-me que tomaria conta de tudo na casa. Liguei para algumas amigas pedindo carona para meus filhos. Outros milhares de coisas – assados para o Natal, compras e enfeites – teriam de esperar.

Lutei para abrir os olhos depois de ter dormido grande parte dos dois dias no hospital após a cirurgia. Quando fiquei mais alerta, olhei ao redor e vi algo semelhante a uma floricultura repleta de plantas natalinas. Poinsetias vermelhas e buquês de flores enfileiravam-se sobre o parapeito da janela. Cartões empilhados aguardavam para ser abertos. Na mesinha de cabeceira, havia uma pequena árvore com enfeites confeccionados por meus filhos. Na prateleira acima da pia, eu vi uma dúzia de rosas vermelhas enviadas por meus pais, que moram em Indiana, e uma agenda enfeitada com velas natalinas oferecida por uma vizinha. Emocionei-me diante de tanto amor e atenção.

Talvez não seja tão mal assim estar hospitalizada na época de Natal, eu pensei. Meu marido contou-me que os amigos prepararam refeições para nossa família e ofereceram-se para cuidar de nossos quatro filhos.

Do lado de fora da janela, a neve pesada transformava nossa pequena cidade em um cartão postal de inverno. As crianças adorariam ver isso, pensei enquanto imaginava todas elas vestidas com roupas grossas e fazendo bonecos de neve no quintal ou patinando no rink ao ar livre da Escola Garfield.

Será que eles incluíram Adam, nosso filho deficiente físico, nas brincadeiras?, pensei. Aos cinco anos de idade, Adam acabara de aprender a andar sozinho, e eu me preocupava imaginando como andaria no gelo e na neve com seus tornozelos franzinos. Será que alguém o levou para dar uma volta de trenó na escola?

– Mais flores!

A voz da enfermeira interrompeu meus pensamentos, quando ela entrou no quarto carregando um belo arranjo de flores. Entregou o cartão e abriu espaço para colocar o arranjo entre as poinsetias no parapeito da janela.

– Acho que vamos ter de mandar a senhora para casa – ela brincou.
– Não temos mais espaço aqui.

– Por mim, tudo bem – eu disse.

– Ah, eu já ia me esquecendo!

A enfermeira pegou mais cartões do bolso e colocou-os na bandeja. Antes de sair do quarto, ela puxou a cortina verde que separava um leito do outro para proporcionar privacidade aos pacientes.

Enquanto eu lia meus cartões, ouvi alguém dizer:

– Gostei das flores.

Ergui os olhos e vi que a senhora do leito ao lado havia empurrado um pouco a cortina para enxergar melhor.

– Gostei das flores – ela repetiu.

Minha companheira de quarto era uma mulher franzina, de 40 e poucos anos, com síndrome de Down. Ela era miúda, tinha cabelos crespos e grisalhos e olhos castanhos. A camisola de hospital estava desamarrada e, quando ela inclinou o corpo para a frente, deixou as costas expostas. Eu queria amarrá-la para ela, mas ainda estava ligada ao soro intravenoso. Ela olhou para minhas flores, com admiração infantil.

– Meu nome é Bonnie – eu disse. – E o seu?

– Ginger – ela respondeu, revirando os olhos para cima e apertando os lábios depois de falar. – O doutor vai dar um jeito no meu pé. Vou ser operada amanhã.

Ginger e eu conversamos até a hora do jantar. Ela me falou do local onde morava em companhia de outras pessoas e de seu desejo de poder voltar para casa a tempo de participar da festa de Natal. Ela não mencionou a palavra família, e eu não perguntei. A todo instante, ela voltava a mencionar a cirurgia programada para a manhã seguinte.

– O doutor vai dar um jeito no meu pé.

Naquela noite, recebi várias visitas, inclusive a de meu filho Arfam. Ginger conversou alegremente com eles, contando a cada um sobre as flores que recebi. Mas ela passou a maior parte do tempo olhando para Adam. Depois que todos saíram, Ginger repetiu várias vezes, como fez a respeito das flores:

– Gostei de seu filho Adam.

Na manhã seguinte, Ginger foi levada à sala de cirurgia, e a enfermeira veio ajudar-me a dar um pequeno passeio pelo corredor. Foi bom poder andar sozinha.

Voltei logo para o quarto. Quando atravesssei a porta, o contraste marcante entre os dois lados do quarto assustou-me. A cama de Ginger estava arrumada, aguardando sua volta. Mas ela não havia recebido nenhum cartão, nenhuma flor, nenhuma visita. Meu lado estava completamente florido, e a pilha de cartões com votos de recuperação me fez lembrar de quanto eu era amada.

Ninguém enviou flores ou cartões para Ginger. A bem da verdade, ninguém sequer ligou para ela ou a visitou.

Será que vai acontecer o mesmo com Adam um dia?, pensei. Imediatamente, tirei da mente aquele pensamento.

Já sei, eu decidi. Vou oferecer a ela algumas de minhas flores.

Fui até a janela e escolhi o arranjo de flores vermelhas com ramos de azevinho. Este arranjo ficaria muito bonito em nossa mesa de Natal, pensei, recolocando a peça no lugar. Que tal as poinsettias? Então, eu me dei conta de que o vermelho vivo das poinsettias conferiria um toque especial à entrada de nossa casa construída na virada do século. E, é claro, não vou abrir mão das rosas enviadas por meus pais, porque não vou vê-los neste Natal, pensei.

As justificativas continuaram: as flores estão começando a murchar; minha amiga que a ofereceu ficaria ofendida; eu poderia enfeitar minha casa com esta aqui quando voltasse. Eu não consegui repartir nenhuma. Voltei para a cama, aplacando minha culpa com a decisão de ligar para a floricultura do hospital na manhã seguinte, quando a loja abrisse, e pedir que entregassem algumas flores a Ginger.

Quando Ginger retornou da cirurgia, uma funcionária de avental listrado lhe trouxe uma pequena guirlanda verde de Natal com um enfeite vermelho. A funcionária a pendurou na parede branca acima da cama de Ginger. Naquela noite, eu recebi mais visitas. Apesar de estar-se recuperando da cirurgia, Ginger cumprimentou todas as pessoas e mostrou-lhes sua guirlanda de Natal.

Na manhã seguinte, após o desjejum, a enfermeira retornou para dizer a Ginger que ela ia voltar para casa.

– A van já está a caminho para vir buscar a senhora – ela disse.

Eu sabia que Ginger voltaria para casa a tempo de participar da festa de Natal. Fiquei feliz por ela, mas senti-me culpada quando me lembrei de que a floricultura do hospital só abriria dali a duas horas.

Olhei mais uma vez ao redor do quarto e vi minhas flores. Será que eu deveria oferecer uma delas a Ginger?

A enfermeira encostou a cadeira de rodas ao lado da cama de Ginger. Ginger ajuntou seus pertences e pegou o casaco que estava pendurado no armário.

– Gostei muito de conhece-la, Ginger – eu lhe disse.

Minhas palavras eram sinceras, mas eu continuava a sentir-me culpada por não ter levado adiante minhas boas intenções.

A enfermeira ajudou Ginger a vestir o casaco e a sentar-se na cadeira de rodas. Em seguida, ela retirou a pequena guirlanda da parede e entregou-a a Ginger. Quando elas se viraram em direção à porta, Ginger disse:

– Espere!

Ginger levantou-se da cadeira de rodas, caminhou com passos trôpegos até minha cama e colocou delicadamente a pequena guirlanda em meu colo.

– Feliz Natal – ela disse. – A senhora é uma pessoa muito bondosa.

Em seguida, deu-me um grande abraço.

– Obrigada – murmurei.

Não consegui dizer nada enquanto ela voltava para sua cadeira de rodas e saía do quarto.

Segurei a pequena guirlanda nas mãos, com os olhos úmidos. O único presente de Ginger, pensei. E ela o ofereceu a mim.

Olhei para a cama dela. Aquele lado do quarto voltou a ficar vazio e sem nenhum enfeite. Ao ouvir o som da porta do elevador se fechando, entendi que Ginger possuía muito mais coisas do que eu.

Eu gostaria muito de transferir minha experiência de 50 anos para vocês, meus jovens, e contar-lhes o segredo contido naquela arca do tesouro, em cada joia que me custou lágrimas, lutas e orações, mas vocês devem trabalhar sozinhos para adquirir esses tesouros da alma.

HARRIET BEECHER STOWE